



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

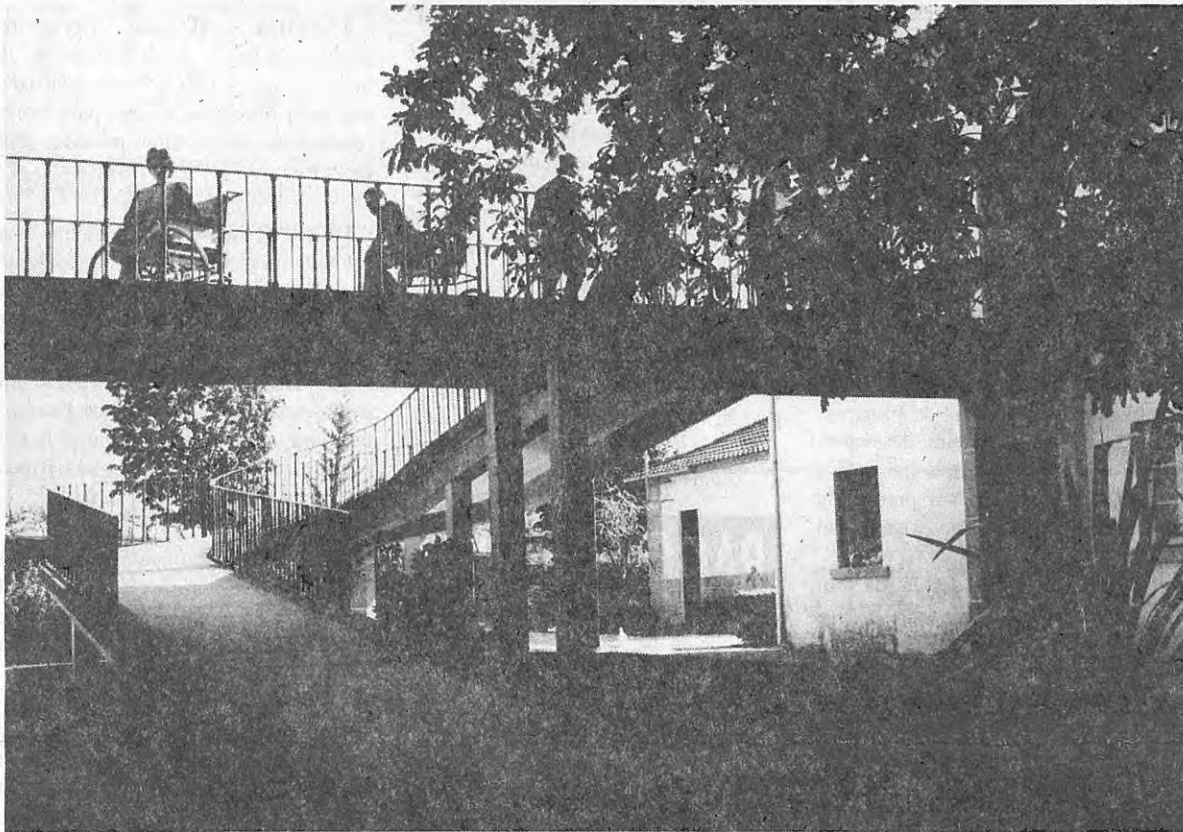
29 de Dezembro de 1990

Ano XLVII — Nº 1221 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Rampa de acesso aos pavilhões do Calvário

Direitos da Criança

O ano que agora chega ao seu termo ou foi mesmo, ou o senti eu ainda mais pejado do que outros anos, de casos dramáticos, a muitos dos quais não pudemos atender — todos os que nos apareceram em idades que ultrapassam o limite de uma transplantação viável; todos os que nos apareceram com tão pouca idade que não temos capacidade para os receber. E os que acolhemos e enchem as nossas Casas, são crianças profundamente marcadas pela instabilidade, pela insegurança, que é a experiência das suas curtas vidas, males de difícil cura que o mundo faz e não ajuda a curar.

A causa — é inútil gastarmo-nos na procura de outra — é a fraqueza da Família e tudo quanto contribui para a enfraquecer. E isto tudo é da responsabilidade de todos, mormente dos que estão em postos em que é preciso, antes do mais, ter bom senso, ideias firmes e a firmeza para determinar o agir em função delas. Cingimo-nos ao nosso campo de acção — a diligência de ser família para os que a não têm — e a acontecimentos recentes.

O Telmo e o Luís Filipe eram pequeninos quando nos foram confiados pelo pai na hora em que a mãe os tinha abandonado a todos. Passaram anos. Ela arranhou outra ligação. Ele apareceu durante algum tempo, mas também, desde há muito, nem do seu paradeiro se sabe. Este o quadro de uma família que talvez nunca tenha chegado a existir e não existe mesmo. Os dois pequenos aqui acordaram para a consciência de si próprios, aliás ainda muito débil no mais novo porque débil mental. Criaram as suas raízes, os seus laços afectivos. Cicatrizada a ferida do vazio de um lar próprio a que tinham direito e que nunca conheceram, estão naquilo que é seu.

Pois desde há cerca de ano e meio, a mãe reapareceu. Vir ver os meninos..., está bem. Mas quer levá-los a passar uns tempos com

Continua na página 4

O problema da Habitação

Como a resposta demorava, veio a correr aflito, com receio de que a carta não tivesse chegado às minhas mãos. Este chefe de família começou a construir a sua casa há cinco anos. Bem desejava celebrar a festa de Natal lá dentro!

Era a hora de pôr a placa e o telhado. Tinha quem o ajudasse a fazer a massa nos fins-de-semana. Mas faltava-lhe o dinheiro para o ferro, o cimento, a brita e a areia, que o ordenado de simples operário de construção civil mal dava para o pão de cada dia.

Tinha diante de mim mais um herói desco-

nhecido. As mãos calejadas, a cara envelhecida pela dureza do trabalho e, mais ainda, pelas aflições de não ter casa e querer tê-la, espelhavam o direito legítimo que lhe era sonogado há tanto tempo.

O calor da família paroquial bem podia aliviá-lo, mas contava, apenas, com a ajuda dum ou outro amigo de fora da comunidade.

Se houvesse na sua paróquia um Fundo Social para a habitação, de certeza que não seriam precisos cinco anos, que o esforço não diminuiria, mas a alegria e a esperança de chegar ao fim

eram permanentemente alimentadas e a partilha não faltaria. Assim, o Património dos Pobres pode cumprir apenas uma pequena parcela da missão que lhe está confiada desde o seu nascimento: ajudar sozinho. Perde, deste modo, a eficácia que lhe advém desde o princípio e que constituiu verdadeiramente a sua originalidade: ajudar a comunidade paroquial a resolver o problema de falta de habitação dos seus membros em situação economicamente impossível. Foi, na altura, uma riqueza incalculável. O seu dinamismo

Continua na página 4

PARTILHANDO

• Como nos anos passados, andei procurando um presépio vivo. Esta ideia de afagar com um gesto de ternura a sua verdadeira face... Que Ele me perdoe!

Percorri ruas e prédios na mira de O encontrar no Natal que esta sociedade nos dá:

Lojas abarrotadas;
profusão de comidas;
montes de brinquedos;
festa e festas;
ruído e ruídos;
semblantes preocupados...

Por vezes, num rosto mais triste, na ponta do véu, ao de leve, um cântico ao Deus-Menino.

«Cadê» o meu presépio?

Passei pelas igrejas antigas, humildes e frias e, quase sempre, fechadas. O dourado da telha a desprender-se; as flores bonitas ou de plástico abanadas pelos ventos de Inverno.

Pelas catedrais. Lá num canto, uma imagem de presépio irreal olhando, interminavelmente, as colunas escuras de granito.

Nas capelas bem arranjadas e limpas de tantas congregações, institutos e obras — bem seguros de si próprios, bem abastados e bem sábios... À sua e nossa volta, porém, cada vez mais ignorância religiosa e carências.

Por fim, numa das cidades, desci em direcção ao Douro e lá, numa rua estreitinha, subi a um terceiro andar dum prédio gasto e sujo. Mora lá uma mãe aflita.

Aflição de mãe que procura (sem mais tempo) um lugar escondido e limpo para ter o filho! Foi assim a mãe do nosso Menino-Deus!

Só que esta (embora beba os seus copitos e mesmo carregada com eles!) anda sempre numa roda viva e angustiada procurando o pão dos seus dez filhos, duas noras e quatro netos. Todos neste presépio ao vivo, deste degradado prédio! Ocupam, de noite, todo o chão! De manhã, soltam as amarras dos velhos colchões como de navios apodrecidos.

— Como vieste aqui ter? — disse ao menino que na enxerga do canto esperneava pelo biberão.

Sem peso, a papelada que acarratei duma semana social e colóquios «bonitos»...

Vem comigo, se quiseres ver a verdadeira face do Menino que nos nasceu!

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

NOVOS POBRES — Para além de problemas graves de velhice, desemprego, viuvez, orfandade, etc... surgem outros (poucos), fruto da sociedade de consumo, exigindo do vicentino uma acção pedagógica, sem paternalismo. Um deles, difícil. Aliás, os recoveiros dos Pobres da localidade onde a família residia, tinham já feito o ponto da situação: Não conseguiram abrir novos rumos à vida daquela gente; e tudo levaria a crer que normalizariam o comportamento numa habitação decente. O aconchego do lar — para quem vivia na imundície — poderia estimular melhores horizontes. Mas não, infelizmente! A mulher, talvez por doença; o marido, por arrastamento. Curiosamente, um dia (foi por Deus), passam à beira do vicentino a trabalhar como um mouro... Não se fez esperar: pelo seu testemunho demonstrou-lhes, imediatamente, a necessidade de trabalharem e pouparem para se ter uma digna, mas pobre.

Não vamos carregar mais as cores, neste caso, que bem negras são, infelizmente; ou adiantar sobre os esforços do visitante.

Já que nos debruçamos na problemática de *novos Pobres*, é oportuno referir também outra família que dá que fazer, por mau governo do orçamento doméstico — repercutindo-se no aluguer da moradia. Luta tenaz, ao longo do tempo, com lágrimas de permissão. Mas o vicentino não desiste. Persevera. Quando surgirá luz no fundo do túnel?

PARTILHA — A «*casa do Xai-Xai*» está na última fase. O mestre d'obras deu a sua previsão com a máxima economia: «*Trabalho de trolha — endireitar paredes, fazer as caixas das janelas e portas, deitar os chãos, rusticar a obra, pintura dentro e fora; pôr caleiras; serviço de carpinteiro e de electricista (aprovar todo o material)*» — 648.000\$00. No meio da *procição* topamos alguns Amigos que estendem a mão. Linda-a-Velha: «*Sim, queridos amigos. Eu considero assim aqueles que pensam no sofrimento dos Outros, e, por isso, me considero amiga de todas as horas. Penso sempre em todos aqueles que Deus escolheu para o sofrimento.*» E termina: «*Gostaria, no entanto, que desta migalha não esquecessem a «casa do Xai-Xai».*» Mais presenças para a reconstrução da moradia: Assinante 9677, de Azurém (Guimarães); assinante 30223, de Almeirim; assinante 27527, de Viseu; assinante 18909, de Cova da Piedade; e assinante 24052, da capital.

Alegramo-nos por todos aqueles que não esquecem as Viúvas. Três contos da assinante 5484, do Porto, para duas delas, «*de preferência com filhos*». Idem, da assinante 21358, de Pardelhas (Murto), para «*ajudar uma com alguma coisa para o Natal; é por alma do meu marido que Deus levou*». «*Manel de Braga*» acentua: «*Esta oferta é para honrar Santa Isabel da Hungria, viúva amiga dos Pobres. No dia dela lembrei ao Senhor todas as que costumam ajudar, mas só hoje vai a oferta. Gostava de pegar fogo em todos, numa grande paixão por estas nossas irmãs*

sofredoras. A cruz levada a dois, custa; mas a um só custa muito mais». Assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), não falha!

Temos, agora, outros Amigos que mantêm uma perseverança que o tempo não corrói, mas aviva a sua generosidade. Casal do Fundão, com várias intenções. «*Avó de Sintra*» um cheque e lembranças de Natal. Assinante 9790, de Oliveira do Douro, a mensagem habitual, pedindo «*uma oração ao Senhor pelos meus pais e sogros*» no Reino de Deus. Algueirão: cinco contos «*para uma senhora idosa e doente*». O dobro, em sobrescrito discreto, entregue no Lar do Gaiato, no Porto. «*Uma portuense qualquer*»: «*A migalhinha de Novembro e o pedido de uma prece pelas minhas melhoras, se for vontade do Senhor*». Testemunho cristão! Com discreção, a assinante 31104 afirma: «*A minha intenção é distribuir estes donativos por alma de minha mãe. Oxalá a reencontre no Além*». Mais um cheque da assinante 9708 para «*ajuda do que os Pobres mais precisarem no Natal*». O nosso Elísio aparece uma vez por outra, com a amizade de sempre, lembrando os Pobres de Paço de Sousa. Vinte dólares, de Vancouver. Cheque, da assinante 17431. Outro, da Rua Alberto Souto, Aveiro. E outro, da Rua Antero de Quental, Coimbra. Malveira, regulariza contas n' O GAIATO e o resto para a «*Conferência de Paço de Sousa*». Ofertas cheias de amizade e saudações natalícias: Do Porto, assinante 5045; Lisboa, assinante 27117; Oeiras, assinante 15693; Póvoa de Varzim, assinante 33661; Porto, assinante 4023; e Lisboa, assinante 23618.

Retribuímos os votos da quadra festiva e desejamos a todos um santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Na semana final do 1.º período, uns com alegria, outros com tristeza. Mas não podemos desanimar porque ainda faltam mais dois períodos para tudo se resolver.

CARAS NOVAS — Recebemos mais um irmão, de Vila Velha de Ródão. Chama-se Marcos. A mãe abandonou-o e o pai, num gesto de carinho, arranjou maneira de o acolhermos em nossa Obra. Gosta muito de cá estar. Tem 9 anos, anda na 4.ª classe e diz que, quando for grande, quererá ser médico.

VISITAS — Recebemos uma grande excursão de amigos, de Oliveira do Hospital. Visitaram a nossa Casa. Fizem algumas perguntas. Deram muita roupa e prendas a alguns rapazes. Muito obrigado. As nossas portas estão sempre abertas para todos.

CATEQUESE — Um grupo de gaiatos prepara-se para a primeira Comunhão. São vinte e dois, cinco dos quais serão batizados.

JARDIM — Alguns rapazes com a ajuda do Neca (de Paço de Sousa) fazem quadros das nossas Casas em frente à imagem do Pai Américo, como lembrança. Agora estão a plantar um lindo jardim; à volta, um passeio em pedra e, no meio, um poço com repucho e... uma outra coisa que será surpresa.

Ángelo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA S. FRANCISCO DE ASSIS — Por muitos indicadores que se apontem e se mostre a paisagem e se lhe desenhe os contornos, são sempre como as histórias de papões que ouvimos quando crescidos. Ouvimos e rimos de soslaio, ou então, ouvimos e nem sequer achamos graça. As vezes.

Não há passeadeiras que permitam o acesso seguro aos mistérios do coração. Podemos fechar os olhos e querer que o silêncio arranque gritos que incomodem. Mas não. Aqui são apenas palavras que não dizem, dos outros, o sono que fugiu nas noites longas; nem a dor escondida de não ter, nem a dignidade que se vendeu; nem a humilhação do implorar na rua. Não diz a vergonha de moldar máscaras e inventar mentiras... Sim, mentiras, porque não? Não o merece acaso um filho?

Penso na Margarida. A filha mais nova da D. Lurdes, irmã da Floripes, tem apenas 15 anos, solteira, desempregada e uma filha com dois meses nos braços. A bebé para viver precisa de recorrer com frequência ao oxigénio, no hospital.

Os médicos, conscientes da sua função, passam receitas...

E agora? Não têm direito a um futuro com dignidade, ou a factura do erro é eterna? E a bebé, quando grande terá que exibir também as medalhas que não ganhou, mas com as quais a sua história a quis condecorar?

Não estaremos também nós na(s) forja(s) desta(s) história(s)?

Lembro palavras tocadas pela poeira dos séculos, mas ainda hoje discurso de fogo. Pertencem a S. Basílio. Para soletrar, devagar:

«Os bens que possuis donde te vieram? Se me dizes: do acaso, és um ateu porque não conheces o Criador. Nem és grato a quem te proveu. Se confesas que vêm de Deus, tens razão. Mas continuo a perguntar-te: Sendo Deus justo, como explicas que tenha partilhado desigualmente os bens que são necessários à vida? Porque és tu rico e o outro pobre? (...) O que despoja um homem das suas vestes tem o nome de ladrão. E o que não veste a nudez do infeliz quando o pode fazer, merece outro nome?»

Ao esfomeado pertence o pão que tens em reserva. Ao homem nu pertence o manto que aferrolhas nos cofres. Ao pé descalço os sapatos que apodrecem em tua casa.»

E se as coisas possuídas tivessem o sortilégio da revolta? Não sei se isto daria tese. Porém, eu sinto o peso e os assaltos à paz e à serenidade que procuro, nascerem, tantas vezes, das seguranças que deposito no que possuo.

Assim, tudo é mais difícil, quer seja decidir novos caminhos, quer seja mesmo morrer.

Mas talvez só o sinta eu, felizmente. Ainda assim, e se mesmo tendo muito fôssemos pobres porque livres daquele sortilégio, livres como os lírios do campo e as aves do céu?

Vou tendo cada vez mais como certeza que viramos as costas à verdade da vida; àquela que no fundo, todos, procuramos.

Peço o dom de umas mãos grandes e um coração livre.

O Natal já se passeia nas vitrines. Que as Suas palhas sejam, naturalmente, aquelas que a ceifeira mutilou no rolar dos dias, mas que tenham o calor da

ternura e a certeza de que foram chamadas a ser muito mais que palha mutilada.

A vida tem dramas que nem a sétima arte os exprime. Nós conhecemos e partilhámos aqui alguns. Agora seja Ele a fazer o resto em quem os lê.

O poeta diria: «*Até onde estou chegam, nítidas, as vozes de alguns como eu e chegam, adivinhadas, as dos tristes, as dos que não têm nada, senão o direito de serem felizes também*».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Começa a crescer, não só o «bolo rei», mas o pão para os dias sem festa: 5.000\$00, Maria Etelvina; 300\$00, em agradecimento por graças divinas; 10.000\$00, anónimo; 2500\$00 de alguém que distribuiu o seu 13.º mês; 10.000\$00, Angelina; 500\$00, Palmira; 5.000\$00, do assinante 16696; saco com roupa mais 2.000\$00, de casal vicentino.

Acolhemos os votos de Boas Festas e, agradecidos, retribuimos o desejo de um Natal pleno de paz, de alegria e de liberdade, na verdade — pequena e grande — do que somos.

Pereira

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Foi um Natal cheio de alegria em que toda a malta participou. Nessa noite, tão emocionante, participou o Grupo Musical da Casa do Gaiato que fez alegrar toda a gente. Sobretudo os mais pequeninos, satisfeitos com as prendas tão preciosas. Brinquedos e guloseimas, pois recebemos muitas

holachas da Fábrica Vieira de Castro & Filhos, de V. N. de Famalicão. E, assim, passámos mais um querido Natal, com a ajuda de Amigos de todo o Portugal.

VISITANTES — As visitas à nossa Aldeia têm aumentado. É uma alegria receber os nossos Amigos, de todas as partes do País. Venham sempre, que as portas estão abertas.

Obrigado pelo vosso carinho.

ESCOLA — Terminou o primeiro período de aulas. As notas não são lá muito famosas, mas os nossos rapazes vão fazer um maior esforço para que o rendimento, no próximo período, seja melhor.

DESPORTO — A nossa equipa está muito desorganizada, mas o presidente já convocou uma reunião para resolver o problema.

RETIRO — Realizou-se mais um Retiro nos dias 18, 19 e 20 de Dezembro para, assim, alimentarmos a fé e o espírito dos nossos rapazes e passarmos um Natal mais junto do Senhor.

RTP — Uma equipa da Radiotelevisão Portuguesa veio filmar a nossa Casa para revelar como celebrávamos o Natal. Todos os que viram o programa «Bom Dia» ficaram a saber.

CARAS NOVAS — Acolhemos mais três rapazes. Dois gémeos: Tiago e Emanuel com cinco anos, e o Zé, com 13, que anda na 4.ª classe.

Artur

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO

Em crónica anterior, focámos as dificuldades que a maioria dos jovens têm em adquirir casa.

Que poderemos dizer dos chefes de família que já vivem em péssimas condições de habitação? Nestes casos, consideramos a situação ainda mais grave, já que por vezes o fraco rendimento do agregado familiar e a idade não lhes permite pedir o financiamento bancário.

A nossa Cooperativa tem uma grande percentagem de sócios nestas condições e são estes que dão maiores dores de cabeça, quando procuramos uma solução que permita ajudá-los a resolver o seu problema habitacional.

São constantemente apregoadas vantagens para os pretendentes a casa própria, mas o pior é quando as contas começam a ser feitas e se verifica que o rendimento não dá para pedir o empréstimo ou que o empréstimo mais os juros absorvem uma grande fatia do rendimento.

Temos em andamento um projecto para a construção de 19 fogos, para os quais já há pretendentes. Ao analisarmos o processo de cada um, chegamos à conclusão de que cerca de 70% não auferem rendimentos suficientes para contrair o empréstimo que permita adquirir casa.

Alguns deles vivem em péssimas condições habitacionais. Que vamos fazer? Cruzar os braços? Tudo faremos para que estes filhos e netos da Obra da Rua não voltem a viver em barracos.

A Cooperativa foi constituída com o pensamento, muito em especial, nestes irmãos desfavorecidos.

Por vezes lemos nos jornais que certas entidades oficiais distribuem milhares de contos para diversos tipos de actividades. Ainda recentemente lemos esta notícia:

«O Ministério da Educação considerando que o campeonato do mundo de futebol 'Sub-20' constitui um acontecimento de primeira grandeza a nível nacional e internacional, decidiu contribuir com dinheiros públicos para as obras de beneficiação de estádios», etc... E vai daí as equipas A e B receberão 267 mil contos cada uma, para os seus parques de jogos.

Nada temos contra o futebol, muito menos contra o desporto em geral. No entanto, gostaríamos de aproveitar esta notícia para perguntar aos senhores que distribuem os dinheiros públicos, se não sobrarão alguns escudos para que Cooperativas construam casas para os portugueses mais desfavorecidos, pois também constituiria um acontecimento de primeira grandeza, nacional e internacional.

OFERTAS — Rosalina, Póvoa de Varzim, 1.000\$00; Maria, de Oliveira de Azeiteiros, 5.000\$00; Deolinda, Aveiro, 100.000\$00; anónima, de Coimbra, 25.000\$00; assinante 9022, 4.000\$00; Rui, de Braga, 100.000\$00; através da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 282.000\$00.

Os nossos agradecimentos e votos de um Novo Ano cheio de propriedades para todos os amigos da Obra da Rua e da nossa Cooperativa de Habitação.

Carlos Gonçalves

Vistas de dentro

SETUBAL

• Que feliz ia o Álvaro, esta tarde, a cantar: «Amar como Jesus amou, sorrir...». Fui espreitar. Ele subia as escadas da casa-mãe com um braçado de telhas para as obras da casa dos mais pequeninos.

Há espinhos na caminhada do Álvaro. Naquele momento os seus olhos brilharam de alegria no meio daquele «formigueiro», cada qual com um braçado de telhas.

• Alguém segredou: «Foi tão bonito encontrar um dos vossos padres a limpar, de pano e balde, o chão aos doentes no Calvário! Ainda que só para ver isto, valia a pena ter feito esta viagem».

• O Evelsio tem 11 anos e é o chefe da casa-mãe. É meigo, simpático, calmo e com os defeitos de uma criança da idade dele. Tem um grupo de 17 «Batatinhas». Ajuda a lavá-los, vesti-los, deitá-los, etc... Compete-lhe manter a ordem na casa-mãe e na mesa. Há dias, depois de vestir os mais pequeninos, dei com ele a dizer: «Vamos, ainda falta uma coisa, Jaiminho». Pega na mão do menino, faz-lhe o sinal da cruz e diz com ele a oração.

Evelsio, és a promessa de um pai feliz, amanhã.

• Acordamos com muita chuva. Não há aulas porque é sábado. Estão os pequeninos todos em casa.

São difíceis as manhãs de sábado com chuva... Vem o Sousa dizer: «Pode fazer o seu trabalho descansada que eu tomo conta dos mais pequeninos». Tem dado muitas horas dos tempos livres aos mais pequeninos. Com a tropa feita e o seu trabalho lá fora, o Sousa há muitos meses deixa o convívio da mesa dos grandes e vem servir os mais pequeninos. Gosta muito de servir os outros.

• A casa 4 dá abrigo a 32 rapaziños entre os 8 e os 12 anos. Vêm juntar-se a eles, para ver televisão, os 18 da casa-mãe.

Tocou para a cama. Entrei na

salinha. Quase não deram pela minha chegada. Todos de joelhos diante do crucifixo faziam a oração da noite. O chefe, de catorze anos, no meio deles, moderava. Que lindo! Que respeito! Cerca de 50 crianças entre os 3 e os 12 anos, sozinhos em oração. Diziam: «Pai Nosso...». Estremeci...

A esta hora quantas misérias se fazem no mundo e com elas são produzidos os grandes diários (e os importantes telejornais) vendidos, a maioria das vezes, à custa da miséria dos outros. Mas no mundo não existe só a miséria contada por eles; também muitas maravilhas como esta.

• Fui à lixeira despejar o lixo. Tinha chovido muito; estava tudo encharcado. À beira de um grande buraco, um trapo molhado, mas posto com todo o cuidado, com muito carinho servia de prato aos

cães e gatos vadios que ali vêm à procura dos restos. Houve o cuidado de escolher e dispor bem as cabeças de peixe, espinhas e ossitos. Naquele «prato» era tudo carinho, ternura. Tenho visto destas coisas muitas vezes. Fazem ninhos, tocas, sobretudo para os cães; se não temos cuidado, lá os vão meter na cama com eles...

Fiquei emocionado com aquele gesto feito por mãos de quem tem levado tanto pontapé e ainda com tão poucos anos.

• Mais uma vez a água. Tem caído muita, cá em Casa. As obras são difíceis e morosas.

Hoje é um dia de sol lindo. Estamos no recreio do almoço. Ouvem-se os rapazes no campo e os pedreiros gozam o seu intervalo. Padre Acílio não está. Oiço mexer. Fui ver o que é. O Vitó, sozinho, com toda a força e esmero, limpa a água

do chão que ainda vai caindo do tecto.

— Quem te mandou para aqui a esta hora? — perguntei.

— Ninguém. Os pequenos têm que andar para cima e para baixo e isto estava molhado.

• Ruídos de campanário? Não! Foi tudo feito no amor e no silêncio do coração de todos. Cada um na sua obrigação? Talvez seja obrigação, mas não obrigados. Bem aventuradas as pegadas escondidas dos que anunciam as «Boas Novas da Paz, da Justiça, do Amor».

Sinais sensíveis duma catequese completa: Palavra, Oração, Testemunho e Memória ao vivo! «Cantinhos de ternura», apetece-me dizer. Como estes, quantos ficam escondidos nos alicerces da construção da Obra da Rua? São estes os verdadeiros alicerces que a sustentam. O serviço que os rapazes prestam uns aos outros.

São para nós, aqui e agora, os gestos da Salvação. São eles os anunciadores do Reino.

Isaura

PARTILHANDO

Continuação da página 1

• Em todos os Natais recordei, enternecido, o meu amigo Fernando, cego e leproso, que vive numa sanzala de Angola.

Ele suspirava por um cordeirinho de verdade...

— *Traga-me um cordeirinho!* (As pupilas sem vida, remexendo, e todo o corpo expressando este desejo.)

E teve-o. Nunca vi pessoa mais feliz! Suas mãos, já só cotos, afagando o corpo, as pernas, a cabeça e os olhos do cordeirinho que bolia.

Este momento feliz do Fernando visita-me em todos os Natais... E, como se fora meu e hoje, também afago e beijo o cordeirinho.

A todos aqueles que tendo tudo lhes falta a alegria; a todas as crianças que embora abarrotadas de brinquedos, sentem insatisfação e tristeza, ofereço o cordeirinho deste homem africano sem olhos e sem mãos. Ele nos ensina que a felicidade e a alegria só podem nascer das fontes do coração.

Olhemos com estes olhos e afaguemos com toda a ternura o nosso cordeirinho branco.

Padre Telmo

Tribuna de Coimbra

É Natal. Em nossa Casa tudo e todos falam do Natal. Cada um prepara-se para a Festa.

Ontem os estudantes, no Lar de Coimbra, fizeram um «presépio vivo». Receberam, no presépio, o grupo de jovens com os quais convivem semanalmente. Foi um serão muito alegre.

Os alunos da escola primária têm andado numa azáfama a procurar musgo e outros motivos para os presépios. Cada um deles diz que o da sua escola é o mais bonito. «*Venha ver o nosso.*»

Contentes, contentes andam os cinco que vão ser batizados. «*É a melhor prenda para o Menino Jesus*» — disse, há pouco, Padre Telmo. A graça que eles acham ao fatinho branco que vão vestir! A ansiedade de ter junto de si os seus padrinhos!

Não menos contentes andam todos aqueles que vão fazer a primeira Comunhão. A catequese, de todos os dias, desde que vieram da praia. As prendas que o Menino Jesus lhes vai dar.

Será de muita festa a nossa Missa da meia-noite. Os que vão ser batizados e os que recebem o Senhor vão oferecer toda a vida como prenda ao Menino Jesus. Será um dia de não mais esquecer.

Os amigos têm-nos ajudado a preparar a Festa. No último domingo recebemos vários casais com os seus

filhos. Todos trouxeram um cesto com as prendas de Natal.

Hoje esteve connosco um grande grupo de estudantes, de Oliveira do Hospital, com suas ofertas e seus cadernos e lápis. Entrevistaram muitos dos nossos, da escola. O que eles ouviram! O que eles se espantaram! Histórias verdadeiras que

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

UM ALMOÇO «HISTÓRICO». Nessa altura eu era ainda um «Aprendiz de Beneditino» e um jovem leitor de O GAIATO. Imaginava, com enlevos de alma, as cenas graciosamente descritas por Pai Américo no seu *estar-com* os garotos da rua. Depois, já «filho adoptivo» da Obra da Rua, eu ouvi histórias e vi rostos iluminados pelo «descongelar» das experiências vivenciadas pelos garotos contemplados. Hoje fiz-me «repórter» e estou no Ipanema-Restaurante, à mesa com o «Merendas» (que hoje faz 11 anos!), o «Cenoura» (irmão dele, que já fez 12) e a enfermeira Salazar — uma amiga da Casa do Gaiato que os convidou para, juntos, celebrarem a festa!

Pédi para estar também e vesti de menino meu coração cinquentenar. Que bela experiência! Sinto-me num almoço «histórico». Claro que, todos o sabemos, um acontecimento é ou não é «histórico» sempre por referência a um determinado «padrão» ou «sistema de valores». Mas, sabendo da importância primordial que estas experiências podem ter no desenvolvimento harmonioso da vida destas crianças, eu não duvido que, na «história» pessoal destes dois irmãos órfãos de mãe e pai, o almoço de hoje vai perdurar-lhes na mente como um momento alto de sua passagem pelas Casas do Gaiato.

Pai Américo escreveu muito sobre (e louvou!) estes gestos de carinho que os leitores e amigos da Obra da Rua volta e meia têm para estas «crianças de quem ontem se fugia e hoje merecem assim tal distinção». Eu tenho pena de não ter trazido um gravador discreto para poder dar-vos com maior fidelidade o que vi e ouvi. Sei que vim convencido que estes gestos aparentemente tão simples podem tornar-se a melhor escola de «civildade e boas maneiras» — coisa que antes era disciplina obrigatória como qualquer outra e hoje... nem dela se sabe o nome. Vi e ouvi o «Merendas», em sua vivacidade

irrequieta, saltar e chamar para «uma mesa ali!» que acabava de vagar (porque hoje é feriado, este restaurante tem bichas de gente à espera). «Merendas» está ainda centrado no seu umbigo e não vê nem sente quem tenha chegado antes. O irmão chama-lhe a atenção; a sr.^a enfermeira explica-lhe, com artes e paciência de avó, que «quando se está numa bicha temos de respeitar a ordem de chegada», etc. Eu vejo, eu ouço e «mastigo» no meu peito: ai o bem que poderíamos fazer à Obra da Rua na pessoa destes meninos proporcionando-lhes experiências/lição deste tipo!

Na mesa, a festa foi de gritos: «*Ai isto tem garfo e faca! Mas eu não sei pegar nisto...*» (Realmente, nas mãos do «Merendas» o garfo mais parecia um arpão em riste...). «Cenoura» tenta fazer-lhe a demonstração: «*Eu sei. É assim, pois é?!*... Enfermeira Salazar sorri benevolente e aproveita para «dar lição». E conta-me de como, em Paço de Sousa, conheceu estes dois irmãos: «O Paulo («Merendas») estava na cama, no hospital da Casa. O Daniel («Cenoura») era o encarregado da limpeza do hospital... O cuidado que ele mostrava pela saúde do irmão!»

Os dois miúdos tomam conta da conversa, desde histórias (e interpretação!) de filmes da televisão a regras de «regulamento interno» da Casa eles falam de tudo no maior à vontade de velhos amigos e conhecidos. «O sr. Padre Carlos quer um papelinho quando os senhores oferecem um relógio...» A enfermeira logo explica: «*Sabeis porquê? É que, às vezes, há meninos que dizem que são os senhores que oferecem e... são eles que...*»

Para sobremesa, ambos quiseram banana. Comida de faca e garfo, como mandam as boas maneiras num restaurante, em dia de festa. (As cerimónias também fazem parte da dignidade do acto!) Ai, de novo, as dificuldades do «*não sei como se faz*» que, visivelmente, é um pedido de «*ensinem-me a fazer*». Que beleza nesta relação/lição! Não há dúvida de que educar não é mero ensinar: é sobretudo estar-com para ajudar a descobrir!

Abel Magalhães

RETALHOS DE VIDA



«D. QUIXOTE»

Sou o José Luís Teixeira Vieira, conhecido por «D. Quixote».

Quando vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, tinha sete anos.

A nossa Obra acolheu-me porque o meu pai não queria saber de mim. Quando cheguei à nossa Aldeia senti-me (e sinto-me) melhor do que na casa dos meus pais.

Um dia, quando for grande, gostaria de ser mecânico.

José Luís («D. Quixote»)

O problema da Habitação

Continuação da página 1

despertou energias escondidas, semeou vontade de ajudar, pôs em marcha comunidades mortas ou anémicas, revelou a força da Igreja e suscitou o aparecimento de grupos que começaram a actuar ao jeito do fermento no meio da massa. As casas, ao tempo construídas, são, hoje, um testemunho. Oh, quem dera as comunidades paroquiais lessem o Evangelho por esse livro e acreditassem que a Palavra é a mesma, hoje. As formas podem variar e têm que ser diferentes conforme o tempo.

O Fundo Social para a habitação em cada paróquia seria uma das formas. No último número de O GAIATO falei dos sinais que, aqui e além, iam aparecendo. Procuo descobrir mais nas cartas que vão chegando. Vivi com entusiasmo a alegria vicentina que não sabia como ajudar a resolver um problema grave na sua paróquia nem tão pouco o pároco. As condições em que a família vivia, mãe viúva, ainda nova, e três filhos, eram desumanas. Perigosas, mesmo. Havia terreno. As paredes estavam encostadas, em parte. Não faltava vontade no grupo. A direcção dos esforços não era a mais adequada, entretanto. A comunidade paroquial estava alheia ao problema. As soluções não resultavam: as vicentinas não tinham dinheiro, o pároco, a braços com obras importantes noutros sectores, não acreditava que fosse possível; a mãe e os filhos corriam o risco de se perderem irremediavelmente. Um túnel escuro sem luz.

O milagre da multiplicação dos pães aconteceu e deixou uma mensagem que é actual e eficaz em todos os tempos. Qual? Quando cada um faz o que pode, o que parece impossível desmorona-se. Eis o segredo: fazer cada um o que puder. A luz apareceu porque a comunidade tinha que saber. E soube no lugar próprio, à hora mais solene do domingo, pela boca de quem vai à frente: o pároco. Poucos dias depois de ter passado por aquele lugar recebo uma carta a pedir ajuda, não para uma casa mas para duas porque o povo comoveu-se e ouviu. O empreiteiro estava na Missa e disse que sim; e era preciso, agora, que o Património dos Pobres também falasse. E falou. Segredo: o povo comoveu-se. Mas quem duvida? De modo que, muito em breve, mais duas famílias vão ter a sua casa. É pouco? Não vale a pena? O problema continua por resolver? Recorde-me duma passagem em que Pai Américo se viu confrontado com esta e outras questões semelhantes e respondeu que quem falava eram os vencidos.

Aproveito para vos dizer que o operário que andava a construir a sua casa porque morria abafado ele, a mulher e dois filhos pequeninos no cubículo onde se meteu, voltou cá a agradecer o telhado e a dizer-me que não tinha o quarto de banho nem pôde acabar a casa. Só ele a ganhar o ordenado mínimo, com viagens e mais despesas... Estão a ver. Se na paróquia houvesse um Fundo Social para a habitação ele iria lá buscar a migalha que lhe falta.

Padre Manuel António

A G O R A

A procissão abre, hoje, com presenças menos regulares, o que não quer dizer que se trate de desconhecidos, porquanto, a propósito de qualquer denúncia que O GAIATO lhes leva, eles aí estão, quantas vezes na volta do correio, com os seus dons, significando, por pequeninos que sejam, uma vontade grande de ver remediados males que afligem multidões. Assim houvesse uma vontade forte e decidida entre os poderosos, na vida pública ou na alta finança — e o problema da habitação não seria tamanho.

Pode ser que depois das estradas e das pontes e dos caminhos de ferro, sem dúvida necessários; e das sedes de Bancos e grandes Empresas, essas certamente escusadas, pelo menos com tão indiscreto esplendor — pode ser, dizia, que chegue a hora da habitação, quem sabe se, até, para responder a uma possível crise de trabalho que poderá surgir para as empresas de obras públicas e consequentemente para quantos nelas ganham o seu pão.

Mas vamos lá ver quem aí vem... Uma Maria, de S. Brás de Alportel, com cinco mil «para aquele casal que quer ter filhos e não tem casa». Quantos assim, meu Deus! José Augusto, de Odivelas, traz o dobro. Amélia, não sei de onde, é portadora de recados de uma série de colegas, os quais somam 4.890\$00. A «Avó alentejana» escreve de Torres Vedras e, além do mais, presenteia-nos com esta mensagem amorosa: «Já vos tenho dito que recebo O GAIATO como se recebesse a visita de um filho. Esse dia

é um dia muito feliz para mim». Uma Irene, «idosa, aposentada e doente» e ainda das primeiras assinantes do *Famoso*, manda dez mil. O dobro da Assinante n.º 9157 e «tal como na multiplicação do pão e dos peixes, se digne o Senhor multiplicar as nossas migalhas para que nunca nada vos falte».

Muitas sobras de assinaturas «para telhas»: É Porto, é Gaia, é S. Domingos do Sardoal, é Mem Martins e «peço desculpa de ir tão mal escrita, mas os 77 não perdoam e a mão vai tremendo»; é no Espelho da Moda, é Johannesburg, é Soalhira... E também várias «migalhas» anónimas e algumas «fatias» hem grossinhas!

Da Maia, a Elza com vinte e cinco contos. Quatro vezes mais de um médico velho amigo, da R. Luciano Cordeiro. Metade deste «para as janelas da casa do José João», com outrotanto para outros destinos, de Vendas Novas — Lourosa. Uma Professora reformada, «velha Amiga da Obra», cinco contos. E o dobro de Nogueira de Cravo mais este sopro de uma consciência para quem a fraternidade não é palavra abstracta: «Felizmente tenho uma casa em bom estado, construída em 1912 com bons materiais. Por isso me lembro dos que não têm casa em condições.» Cinqüenta, da Cova da Piedade e... «esta importância estava destinada para um passeio, mas como ele não se realizou na data que me convinha, aí vai para compra de umas telhas da casa de um Irmão carenciado». O dobro de Colónia — Alemanha, com abraços da Família Joaquim. E

outra vez, o dobro, de Leiria, de uma Luísa que lê O GAIATO com olhos, inteligência e coração. M. E. com um delicado «não agradeçam pois sei que o cheque chega aí e não vale a pena gastar tempo, papel e selo». E remata com um dito muito de Pai Américo: «Amigo não empata Amigo».

Aveiro com cinco mil, do Assinante 52834 e dez vezes mais de outra Assinante que «o faço em nome de meus pais e prometo repetir se Deus me der vida e saúde». Vinte (fora o resto com outros fins), da Assinante 113, antiga e sempre amiga. Três mil, de Brunhosa — Mogadouro. Dez vezes mais, da Maria Antónia, de Lisboa. Dez, da A. D., de Leiria, e «faço hoje 55 anos e sinto-me feliz por vos mandar esta pequenina lembrança neste dia». Conosco é tudo ao contrário: As pessoas fazem anos e nós é que recebemos a prenda!

E já que os alimentadores mais costumeiros desta coluna, hoje não des-

filam, termino com esta mensagem de uma Ana Maria que adivinho velhinha, mas feliz por ainda ser útil:

«Quero por vossas mãos enviar para o meu mealheiro do Céu mais esta migalhinha (4.000\$00).

É o primeiro lucro de um trabalho que comecei a fazer em casa.

Fico muito agradecida a Nosso Senhor ser capaz de me separar com alegria deste pouco, que também me dava jeito; mas há quem necessite mais do que eu. O Senhor que me deu o maravilhoso dom da partilha, também não me falta com que o faça, embora seja pouco. Se eu pudesse servir-me de uma conta que também está em meu nome, creia-me que seria mais generosa; mas isso não acontece. Mas temos Deus, temos a nossa fé, pobres, somos mais felizes, somos mais ricos do que os que vivem agarrados a este mundo.

Um grande abraço e muita coragem é o que vos desejo.

Seja louvado N. S. Jesus Cristo.»

Padre Carlos

ENCONTROS

EM LISBOA

Graças a Deus! O Natal tem sido uma bênção. Homens e mulheres que chegam e nos revelam a solidariedade, a amizade e nos dizem muito obrigado. Nós recebemos e são eles e elas que dizem muito obrigado. Aqui acontecem coisas ao contrário do normal!

Grupos de jovens desembarcam. Com os nossos rapazes passeiam-se por todos os lados. Vêem o que fazem e como o fazem. Olham a nossa vida. Admiram-se e aprendem. Sinto esperança. Os seus corações começam a vislumbrar novos horizontes.

Com o que vai acontecendo à minha volta fico alegre porque verifico que o Natal não são só palavras. São gestos, atitudes, factos concretos, amor e acção.

Por vezes acontecem contrastes. No mesmo dia, dois casos que chamam à reflexão. Dois modos de estar diferentes e que trarão também diferenças em termos de futuro. Trata-se de dois casais. Filhos com idades entre os sete e os onze anos.

Um dos casais chega. Para o carro. Saem pais e filhos. Os pais mandam os filhos à frente com os embrulhos. Eles vêm atrás. Ensinam o caminho e encorajam. Já nos conhecem, mas fazem perguntas para os filhos ouvirem. Pedem para dar uma volta pela nossa Casa. Aí vão todos juntos. No regresso, solicitam que responda às perguntas dos filhos. Despedem-se e comentam: «Desculpe pelo tempo que lhe roubámos, mas nós precisamos de os

educar». Fiquei-me na contemplação. Que lição prática de humanidade e de fraternidade. Ir com os filhos, guiá-los, abrir-lhes os olhos e os ouvidos e, assim, transformar os seus corações!

Outro casal chega. Com pressa descarregam o carro e comentam: «Temos que ir depressa. Os nossos filhos ficaram em casa a ver televisão. Queríamos que viessem, mas preferiram ficar a ver televisão». Tive pena. Este casal tem chama lá dentro, mas não a sabe transmitir. Talvez falem muito aos filhos, mas perdem as ocasiões de vivenciar. Sementes a que não se dá oportunidade de germinar, com o tempo acabarão por morrer. Assim cresce uma geração com o coração de pedra.

Contrastes pedagógicos! Não sou adepto da estafada frase: «No nosso tempo é que era bom». Verifico que a actual geração de adultos foi marcada por valores de humanidade, de fraternidade, de partilha, de amor e respeito ao Próximo. Às vezes sinto que esta nossa geração se está a demitir da transmissão desses valores. Não se pense que é por desleixo ou descuido. Não! Na maioria das vezes é por um mal entendimento do amor aos filhos: Tenta-se evitar-lhes todo o incómodo, todo o esforço, toda a contrariedade. Os filhos crescem como o único centro do mundo e transformam-se em montanhas de egoísmo.

No Natal é oportuno aprendermos que Deus não é uma teoria. Não existe o Amor abstracto. Existe o Verbo que Se fez carne e veio habitar no meio de nós.

Padre Manuel Cristóvão

Direitos da Criança

Continuação da página 1

ela. Não percebe a desestabilização que tal produz nas crianças em fase de crescimento, ainda tão frágeis. E como nós não lho permitimos, que faz ela? Vai ao tribunal da Comarca em que reside e deste, sem qualquer pergunta prévia do nosso parecer, sem conhecimento seriamente formado da situação dos pequenos e sem respeitar *primariamente* a conveniência deles, chega-nos um officio: «Em nome da Justiça, tenho a honra de informar V. Ex.^a de que foi autorizado que os menores Telmo e Luís Filipe passassem as férias do Natal com a mãe, após o que regressarão a essa Instituição, conforme decisão de que se junta fotocópia».

Eis um documento «honrado» de intromissão na vida de uma Instituição que tem regras próprias e, graças a Deus, seus créditos firmados! Meu Deus, o que por aí vai... até nestes níveis em que a formação jurídica e o bom senso são dever de base!

Ignorará a Senhora Doutora que subscreeve o officio, a Doutrina Universal sobre os Direitos da Criança? Não distinguirá entre família e família: aquela onde mãe e pai estão — sempre estiveram — no seu lugar e aquela onde nem um nem o outro nunca estiveram? Porventura é a criança bola para ser jogada nas intermitências de assunção de maternidade e paternidade, ao capricho de humores sentimentais dos progenitores que, por o serem, se julgam donos dos que geraram?

Sim, numa família sãmente ordenada, responsável, em condições de oferecer aos filhos a segurança de que eles necessitam tanto quanto do pão, progenitura e paternidade/maternidade são conceitos que realmente coincidem. Porém, numa família que não existe, nem talvez nunca tenha existido, pretender a mesma coincidência é ficção jurídica que sacrifica as crianças e viola os seus direitos universalmente reconhecidos.

Que a mãe, se não esqueceu definitivamente os filhos que gerou, os venha ver — está bem. Mas, se verdadeiramente os ama, que os deixe fruir, sossegados, a estabilidade que têm tido e continua à sua disposição, e lhes não ressuscite problemas que hoje, mais capazes de os compreenderem, os farão sofrer mais.

Este seria, certamente, o parecer e o conselho da Senhora Doutora, se estivesse devidamente informada do caso particular e profundamente enformada pelo espírito que ditou a Carta Magna dos Direitos da Criança. Foi em defesa deles — não por sentença de nenhum juiz, senão o Eterno — que Pai Américo deu a vida, antes mesmo deles estarem consignados em Lei Universal, e deixou caminho aberto para outros a darem.

Padre Carlos



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898